

NAS TESSITURAS DO RESTO E DA SOLIDÃO: PENÉLOPE E O FEMININO

IN THE STRENGTHS OF REMAIN AND LONELINESS: PENELOPE AND THE FEMININE

Bianca Camila Gonçalves Moreira 1
Gesianne Amaral Gonçalves 2

Resumo: O presente trabalho busca fazer uma análise da personagem Penélope, presente na obra *Odisseia*, de Homero. Aposta-se na jornada do tecer, dentre outros artifícios utilizados por ela, enquanto dimensões que atestam o não-todo do feminino, desse modo, para além dos cânticos homéricos, parte-se de uma revisão bibliográfica narrativa de autores psicanalíticos, como Sigmund Freud, Jacques Lacan e comentadores. A partir desse aporte teórico, o texto apresenta como questionamento “o que resta (h)À mulher quando destituída de seus aparatos fálicos?”. O que se entrelaça à figura literária os conceitos como o falo, o objeto "a", o real e a solidão, enquanto fundamentais nos desdobramentos d'A mulher para tecer, para além do falo, fio a fio, a si mesma.

Palavras-chaves: Penélope. Feminino. Psicanálise. Restos. Solidão.

Abstract: The present work intends to analyze the character Penelope, present in the work *Odyssey*, by Homer. It bets on the journey of weaving, among other maneuver used by her, as dimensions that attest to the not-all of the feminine, thus, aside the Homeric chants, it starts with a narrative bibliographic review of psychoanalytic authors, such as Sigmund Freud, Jacques Lacan and commentators. Based on its theoretical contribution, the text poses the question “what remains (being) The woman when deposed of her phallic apparatus?”. It is linked to the literary figure concepts such as the phallus, the object "a", the real and loneliness as fundamental in the unfolding of The woman to weave, beyond the phallus, thread by thread, herself.

Keywords: Penelope. Feminine. Psychoanalysis. Remains. Loneliness.

-
- 1 Graduada do curso de Psicologia (pela UEMG/Divinópolis). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9733515783703672>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3379-2513>. E-mail: biancacamila.goncalves@outlook.com
 - 2 Psicóloga e Psicanalista. Pós-doutora em Intervenções Clínicas e Sociais (pela PUC Minas), Doutora em Estudos Psicanalíticos - Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural (pela UFMG), Mestre em Psicologia – Processos de Subjetivação (pela PUC Minas) e Especialista em Arte e Educação (pela UEMG). Atualmente docente do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade Divinópolis. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5464259294427621>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5905-3973>. E-mail: gesianni@terra.com.br

Introdução: O que resta (h)À¹ mulher?

Sigmund Freud e Jacques Lacan evocam o feminino em suas obras. Em Freud (1908-1933), a feminilidade é apresentada em diversos de seus livros, enquanto em Lacan (1972-73/1985), podemos perceber o amadurecimento destas ideias freudianas em um conceito lacaniano sobre o não-todo do feminino. A partir delas, apresentamos diversas pesquisas de comentadores psicanalíticos que dialogam com a temática e com o nosso *corpus* analisado.

Dessa forma, este trabalho é conduzido pela metodologia da pesquisa bibliográfica narrativa abordada por Roether (2007) e Gil (2017). Ela se caracteriza pela descrição e discussão do “estado da arte”, ou seja, uma análise de literatura disposta em materiais como livros, artigos e análise crítica pessoal do autor, e que, não permite a reprodução dos dados da pesquisa. Esse tipo de pesquisa permite uma ampliação da investigação de fenômenos e propõe um desenvolvimento exclusivamente pautado em fontes bibliográficas. Assim, retorna-se às obras prontas como fundamento da discussão do tema na contemporaneidade (GIL, 2017). É cabível ressaltar que, a análise criteriosa dos materiais bibliográficos exige uma avaliação atenciosa da sua produção para que não se alinhe à propagação de dados coletados ou processados de maneiras equivocadas (GIL, 2017).

Com isso, objetivamos abordar o enlace entre o feminino, a invenção e a tessitura representados na figura de Penélope, da obra literária de Homero, *Odisseia* (750-650 a.C./2014 d.C.). E apostamos em uma construção na companhia da personagem que busca tecer respostas para a questão: o que resta (h)À mulher quando destituída de seus aparatos fálicos? Destas possíveis inovações que se apresentarão perante ao enigma da feminilidade é que evidenciaremos as articulações frente ao desamparo do significante da falta e do desejo do Outro. Assim sendo, o percurso da tecelã, apresentar-se-á como signo do feminino, e também, como uma referência de invenções sobre A mulher, a qual abordaremos a seguir.

A trama de Penélope:

[...] o sofrimento incontornável me domina
HOMERO, 750-650 a. C./ 2014, p. 33

A obra épica do autor Homero, *Odisseia* (750-650 a.C./2014 d.C.), narra os embates travados por Odisseu em sua volta para casa em Ítaca após a Guerra de Tróia. Contudo, para além do desejo de voltar ao lar, é apresentado também, o anseio do herói pelo retorno aos braços da amada.

Nesse contexto é que Penélope se apresenta como um forte nome nas métricas homéricas. Enquanto, Odisseu enfrentava ninfas, ciclopes, sereias e descia até à morada de Hades², Penélope, por sua vez, passava por embates que lhe arrancavam, não somente às lágrimas, mas também, sua habilidade de tramar caminhos que bordejavam o vazio de si, na ausência do marido e, posteriormente, do filho.

No decorrer dos 20 anos sem a resposta sobre o retorno, a vida ou a morte do esposo, a personagem é atravessada por exigências familiares e sociais. Assim, vê-se sobre Penélope, a imposição de um casamento com um novo marido. O que lhe retira a possibilidade de voz sobre o seu desejo.

A sagacidade da rainha vai se apresentando no decorrer da obra. Planos são traçados por ela, a fim de adiar os imperativos que nada diziam sobre si. Penélope então, frente a presença de vários “*procos*” (gregos) no seu palácio, que se embebedavam e desfrutavam de sua comida, todos os dias, em um cenário de disputa pelo matrimônio, dá o contexto de sua trama.

Ela propõe que os pretendentes tenham um tempo de espera, mesmo que longo, para um novo casamento. Assim, ela se encarregaria de tecer um sudário para seu sogro Laerte. Deste ponto

1 A letra “h” foi incluída no intuito de demonstrar que “há mulher”. Apesar de inexistir no inconsciente, segundo Lacan (1972/1973), ela existe nas invenções do um a um, no singular.

2 A morada de Hades: filho de Cronos, deus do além-túmulo; também denota o reino dos mortos (HOMERO, p. 751).

em diante, é vivenciado pelo leitor a sua perspicácia, onde o tecido feito durante o dia, era (des-) tecido na escuridão da noite. Penélope, a tecelã, se encarregava de uma tessitura que não teria fim.

Vale ressaltar que, sua estratégia é descoberta e levada à sabedoria de todos por uma de suas “aias” (empregadas, companheiras da rainha). O que lhe obriga a finalizar o tecido, mesmo que a contragosto. No entanto, ela continua a tecer. Mesmo que tendo o seu plano interrompido e com toda ausência de fios, a rainha permaneceu a (des-)tecer: outros panos, outros sudários, mas sempre sustentando, entre véus, choros e lamentos. A eterna tecelagem.

O feminino de Freud a Lacan

A histeria conferiu a Sigmund Freud a inauguração da psicanálise, evidenciando a importância da fala no processo analítico. Contudo, o caminho não se encerrou nesse ponto, uma vez que, para além da associação livre, a feminilidade se apresentou, a partir da escuta das mulheres, enquanto um lugar de privilégio nos estudos freudianos. Duba (2012), discorreu que a figura da mulher foi um fio condutor da psicanálise, mas também a sua pedra no caminho, desse modo, tornou-se a representação de interrogações e de um não saber sobre a subjetividade apresentada nesse signo.

Pautada nessa conjuntura, as obras freudianas apresentaram uma diversidade de elaborações, dúvidas e contradições acerca da temática. Assim, desde obras como *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908) à *Conferência XXXIII: A Feminilidade* (1933) foram percebidas mudanças nos pensamentos do autor. Diante disso, ele perpassou pelo campo biológico até se ancorar entre o campo social e psíquico, abordando suas inquietações frente ao desconhecido da mulher.

Desse modo, o psicanalista vienense, apresentou estudos sobre o Complexo de Édipo que apontam não somente o campo do sexual nas crianças, mas pautam-se na importância que esse construto possui para a compreensão das neuroses. Nesse sentido, as teorias sexuais infantis também possuem influência na configuração dos sintomas, não se restringindo somente à infância (FREUD, 1908/2018).

A partir desse debruçamento, Freud, em seus estudos, traçou um percurso de análise do Complexo de Édipo em primeira instância, voltada somente para o sexo masculino (FREUD, 1908/2018). Com o evoluir de seus saberes, passos são dados em direção à explicação do Complexo de Édipo na menina, mesmo que ainda, como pontuado por ele, enquanto uma teorização “insatisfatória, lacunar e vaga” (FREUD, 1924/2018, p. 254). Dessa forma, ao inserir em seus discursos o percurso edípico da menina, é que se permite pontuar questões acerca da castração, da relação com o falo e do desenvolver da feminilidade.

Com efeito, o Édipo na menina, é apresentado a partir da pré-condição feminina de adentrar nessa fase do desenvolvimento já se reconhecendo enquanto não portadora do falo. Assim, diferente dos meninos que temem a ameaça de castração, as meninas, por sua vez, a têm como fato consumado (FREUD, 1924/2018). Vale ressaltar, que nesse momento, os estudos freudianos, ainda se apegaram ao biologicismo médico. E que se pode demarcar pela sua afirmação em tom de paródia à expressão de Napoleão: “A anatomia é o destino” (FREUD, 1924/2018, p. 252). Essa premissa abriu caminho para que, posteriormente, o vienense formulasse um novo entendimento, afirmando que “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia” (FREUD, 1933/2018, p. 141). Portanto, as questões relacionadas ao feminino e ao masculino não são tomadas pela via anatômica na psicanálise. Como exposto por Fuentes (2009), há uma genialidade em Sigmund Freud ao reconhecer o corpo biológico e a anatomia enquanto impotentes para definir a sexualidade humana.

Diante desses pontos de afastamento entre o complexo de castração no menino e na menina, não se pode deixar de mencionar o ponto que se mantém entre ambos: a primazia do falo. Esse elemento, além de demonstrar como a busca fálica na mulher norteou a investigação freudiana (FUENTES, 2009), aponta-se também para o lugar privilegiado que ele ocupa no Édipo. Para Freud (1923/2018), uma característica fundante da organização genital infantil, para ambos os sexos, reside no fato de que, apenas o genital masculino apresenta um papel, e que desta forma, o primado do falo influi tanto para os meninos - pelo medo da castração -, quanto para as meninas - pela não identificação e reconhecimento de que não o possui -. De toda forma, o falo se apresenta

como essencial ao processo de organização sexual e de subjetivação da díade feminino-masculino.

No cenário psicanalítico, o falo é tomado enquanto fundamental desde as produções freudianas às novas concepções lacanianas. Nesse percurso, o falo é promovido por Lacan (1958/1998) ao estatuto de significante. Desta forma, pontua-se sua função enquanto significante da falta, quando em uma relação direta com as posições sexuadas, ele é a marca primordial no sujeito de desejos. Isso acontece de tal maneira que, ao assumir-se significante do desejo do Outro, e ao desconsiderar a dimensão da diferença anatômica entre os sexos, torna-se essa pontuação, “especialmente espinhosa na mulher e em relação à mulher” (LACAN, 1958/1998, p. 693).

Ademais, Freud (1924/2018) discorre que o Édipo dispõe à criança duas formas de satisfação, uma ativa e outra passiva. Na primeira, ela se relaciona com a posição paterna, e na segunda, com a materna. Assim como também, expôs que na polaridade sexual, presente na época da puberdade, o masculino comportaria o sujeito, a atividade e a posse; enquanto o feminino, traria o objeto e a passividade. Percebe-se, portanto, que a figura da feminilidade permaneceu, por grande tempo, no cenário da inércia e da omissão nas elaborações freudianas, demarcada por uma passividade que ecoou no seu processo de desenvolvimento e de subjetivação.

Freud não se bastou com os seus pontos de elaboração e permaneceu no desejo de se aprofundar no terreno desconhecido da sexualidade feminina. É nesse impulso que duas produções do autor ganham notoriedade na comunidade psicanalítica: *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933), ambos os textos apresentaram novas perspectivas no caminho freudiano acerca da mulher.

Então, o analista se desdobrou com maior detalhe no Complexo de Édipo na menina sem deixar de lado, o campo que o antecede, o complexo de castração (FREUD, 1931/2018). O momento pré-edípico feminino, marca o engodo com a mãe. O papel materno, antes próximo, torna-se alvo dos afetos de revolta e afastamento da filha, pois é ele quem censura a atividade sexual feminina, assim como também é culpabilizado pela ausência de pênis na menina, restando-lhe a inveja do pênis. Nesse percurso, ela se desloca para o pai, tomando-o como objeto de amor (FREUD, 1931/2018).

O complexo de castração e a entrada ao Édipo são mais do que um deslocamento de objeto para a menina (FREUD, 1931/2018). É necessário se separar da mãe e alcançar novos caminhos para o desenvolvimento da mulher. Ainda que, desde as premissas freudianas, reconheça-se a impossibilidade da psicanálise em descrever o que é a mulher. Desta forma, passa-se a discorrer sobre as três orientações de desenvolvimento feminino/da mulher apontadas pelo autor: a negação/inibição das monções sexuais, a homossexualidade e, por fim, a feminilidade propriamente dita (FREUD, 1933/2018). Essa última, apresenta-se como fundamental para a progressão do texto, pois demonstra os primeiros traços inventivos de nomeações para o feminino (FUENTES, 2009).

O fato é que, as obras freudianas foram precursoras dessa temática na psicanálise ao abrir caminhos para novas teorizações, com novas saídas femininas e que também se dissociam do campo biológico. Jacques Lacan (1972-73/1985), por sua vez, se empenhou nesta função do estudo. Sobretudo, no *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73/1985), que veio a ser um importante objeto de estudo aos demais teóricos de vertente lacianiana que se adentraram e adentram ao campo do feminino.

Lacan retomou os estudos freudianos e foi além, como apontado por Valdívía (1997), uma vez que ele também propôs um afastamento do campo anatômico e, dispôs da matematização para expor o feminino e o masculino enquanto formas nas quais o ser falante se coloca frente a sexualidade. A autora expôs que a tese lacianiana configura a divisão do sujeito ante o sexual, não enquanto uma divisão entre dois sexos, mas sim entre dois modos de gozo: um todo fálico e outro não-todo fálico.

Lacan e Freud são dialogados ao pontuarem acerca do falocentrismo do inconsciente. Contudo, o psicanalista francês propôs uma importante diferenciação ao transformar o falo em significante. A teoria lacianiana prosseguiu com as elaborações freudianas, mas ao incluir as fórmulas lógicas da sexuação no *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73/1985), questionou a lógica da castração e evidenciou a sua incapacidade em regular todo o campo do gozo. Uma vez que, uma parte dele não perpassa pelo Um fálico, permanecendo assim, no real, ou seja, fora do campo simbólico (GONÇALVES, 2016).

A tábua da sexuação possui fundamental estruturação, na qual é reconhecida por Lacan (1972-73/1985) como tendo um lado feminino, ou seja, o lado não-todo fálico que não dispõe de um significante mestre e todo fálico, que organize e diga o que é ser mulher. Essa constituição que escapa à lei fálica, o leva à seguinte conclusão: “(...) eu disse da mulher, embora justamente, não exista a mulher, a mulher não é toda” (LACAN, 1972-73/1985, p. 14).

Ainda nas elaborações lacanianas (1972-73/1985), é apontado que nada se pode falar da mulher, demonstrando assim, um cenário que perpassa pela impossibilidade da simbolização. Fuentes (2009) adentrou nos caminhos tracejados por Freud e Lacan sobre a feminilidade. Ela pontuou que o real não detém um saber sobre a mulher e nem sobre a relação sexual. Desse modo, o feminino se configura enquanto um nome desse real que faz furo na linguagem e “que não cessa de se escrever no inconsciente (...). Se não há ‘O’ nome da mulher inscrito no inconsciente, infinitos nomes podem surgir na tentativa de representá-la (...)” (FUENTES, 2009, p. 93).

A íntima relação entre o feminino e o real demonstra não somente aquilo que foge à simbolização, mas sobretudo, expõe o sujeito faltoso em seu movimento desejante. Sendo assim, a feminilidade e outras movimentações se apresentam como uma mascarada, uma busca incessante de identificação e contornos, que possam tecer sobre isso que não se diz (VALDÍVIA, 1997). A mulher, em Lacan, apresenta-se ativa e autora da sua própria história. Nos movimentos inventivos de confecções que buscam lidar com o desamparo de sua inexistência é que se intenta provocar sobre: o que resta (*h*)? À Mulher quando essa se vê destituída dos pontos de amarração sobre si? Desses pontos que rasgam a costura, o que emerge? Na busca por novas costuras, segue-se não somente com Freud e Lacan, mas sobretudo, com Penélope, que não cessa de (se) costurar.

Entre a mãe e a esposa: escoa-se A mulher

Caras, ouvi-me.

*O sofrimento que os olímpios me impingem as amigas desconhecem,
pois perdi primeiro o esposo.*

(...) O turbilhão agora arrebatou-me o filho inglório.

HOMERO, 750-650 a. C./2014, p. 135, 137

Pranteio pela dupla.

HOMERO, 750-650 a. C./2014, p. 141

As passagens supracitadas foram proferidas por Penélope, em seu lamento, ao tomar conhecimento acerca do plano dos seus pretendentes de executar seu filho, Telêmaco. Esse momento se tornou significativo ao demonstrar duas posições que atravessaram a estrutura subjetiva da personagem. Desse modo, a dor se apresenta intimamente ligada às posições de mãe e de esposa.

É sabido que Freud (1933/2018) propôs três caminhos possíveis a serem tomados pela mulher no seu desenvolvimento. Contudo, a última das premissas que se referiu à feminilidade possui importante espaço na história penelopeana. Isso ocorre devido à análise das relações que a mulher apresenta com o seu objeto de amor e, por conseguinte, os laços presentes na maternidade e no casamento.

Quanto aos atrelamentos da relação mãe-filha citadas por ele, sobretudo no período pré-edípico da menina, vale ressaltar que a mãe, em primeira instância, tornava-se o papel designado da culpa pela castração da filha. Posteriormente, ela seria vista como castrada também. Ou seja, o que antes era um acontecimento infeliz e individual para a menina, se expandiria para outras figuras femininas e, por último, à figura materna (FREUD, 1933/2018).

Dito isso, o psicanalista vienense destacou, não somente o caráter de generalidade que a castração feminina comportava, mas também, evidenciou que a percepção da filha sobre a mãe enquanto castrada, desestruturava o amor primordial pela mãe fálica. Sendo assim, seria possível abandonar esse objeto de investimento amoroso que se apoiava na figura materna para demarcar uma mudança de objeto e as condições de escolha feminina.

Por sua vez, esses objetos elegidos pela menina, seguem uma lógica de ideal narcísica do homem que ela desejou se tornar. De tal forma que, se há a permanência da ligação entre a menina e o pai no período edípico, as escolhas de objetos que se assemelhem à figura paterna se tornam possíveis (FREUD 1933/2018). Desse modo, para além de uma escolha estereotipada, tratamos aqui sobre essa busca incessante pelo falo.

Tem-se assim, uma discussão à nível edipiano, que demonstra a transposição metafórica da mãe para o pai. Nesse aspecto, Lacan (1957-58/1999), nos conduz às elaborações de que o Complexo de Édipo possui uma função normativa, que não se esgota na estrutura moral do sujeito e nem nas suas relações com a realidade, mas que também envolve a assunção de seu sexo. O que se relaciona àquilo que permite ao homem assumir o tipo viril. Quanto à mulher, o tipo feminino, isto é, que se reconheça e se identifique como mulher.

O Édipo liga-se à função do Ideal do Eu, encarnado pelo pai interditor. Isso acontece de tal forma, que ao assumir essa função, é que se produz na menina o reconhecimento daquilo que ela não tem: o falo (LACAN, 1957-58/1999). Põe-se em cena, as reverberações da identificação ideal e, assim, para a menina, o construto que demonstra o fato de não ter o falo. Isso é tomado por ela por meio de uma conformidade inconsciente. Contudo, há algo que “sempre lhe fica de um pequeno amargo na boca, ao qual se dá o nome de *Penisneid*³, prova de que isso não funciona de maneira rigorosa” (LACAN, 1957-58/1999, p. 179). Ou seja, nessa introjeção da metáfora paterna, há na menina algo que resta e que escapa. Ainda que o significante paterno tenha uma função específica para ela, ele não há de gerar uma via inteira de simbolização sobre a sexualidade feminina (MASSARA, 2014).

Nesse percurso, as elaborações freudianas sobre as escolhas de objeto da menina após se desvincular da mãe são acompanhadas das reflexões amorosas. O autor afirmou que “(...) atribuímos, portanto, à feminilidade, um grau maior de narcisismo, o qual também influencia sua escolha de objeto, de maneira que, ser amada para a mulher, é uma necessidade mais forte do que amar” (FREUD, 1933/2018, p. 338).

A inclusão de um discurso amoroso nos dizeres freudianos reflete as dimensões da feminilidade que se colocam em confronto com essa falta originária do falo. Nessa perspectiva, o casamento se apresenta enquanto um aparato importante nas tentativas de obtenção fálica. O que comporta uma lógica de repetição da figura do pai e também, uma tentativa de se fazer ser amada pelo Outro que carrega algo de não posse da mulher.

Nesse sentido, o matrimônio revela uma conjugação pelas vias do amor que buscam dar corpo a essa ausência fálica feminina. Em 1958/1998, Lacan disse que é pelo o que a mulher não é, e por aquilo que ela não tem, é que ela busca ser desejada e amada. Assim, a significação fálica apresentaria uma conjuntura de se incluir no desejo do Outro, ao mesmo tempo que demonstraria o movimento de encontro com o que esse Outro possuiria de real e que poderia se fazer de falo para a mulher.

Então, a Penélope sofre pela perda desse falo em diversas instâncias. Primeiro, ao apresentar uma estruturação subjetiva feminina. Em seguida, ao vivenciar o não saber sobre a vida ou morte do marido. E, por último, ao se deparar com a grave possibilidade de perda do filho. No que diz respeito à perda do esposo, faz-se o entrelaçamento com a confecção do casamento nos processos de subjetivação feminina. Mas cabe aqui ressaltar que, a maternidade também se mostra como um fator preponderante que busca aproximar a mulher dessa posição fálica, mesmo que de maneira velada.

Ao voltarmos ao texto de Freud de 1933/2018, vemos a maternidade como a relação mais perfeita e sem ambivalência. Nele, o filho proporciona à mãe uma satisfação ilimitada. Para além disso, ao retornarmos em *O declínio do complexo de Édipo* (1924/2018), o autor discorreu que a ausência do falo não seria tolerada pela menina sem estratégias de compensação. Contudo, esse desejo nunca seria cumprido, mas é de grande importância ressaltar que, para Freud (1924/2018), o desejo por um pênis e por um filho, permaneceriam investidos no inconsciente da figura feminina.

Dito isso, tanto o casamento quanto a maternidade são pontuados como duas saídas para o desenvolvimento da feminilidade, segundo os estudos freudianos. Mais uma vez, torna-se

³ Penisneid: Falo; falocentrismo; inveja; sexualidade feminina (ROUDINESCO; PLON, 1998). Termo empregado por Sigmund Freud para designar a inveja do pênis no processo de desenvolvimento da menina.

necessário relembrar que o discurso do autor foi atravessado pelas formas de organização social de sua época. Nesse sentido, Maria Rita Kehl (2018), mostrou-se potente em suas palavras no posfácio *Freud e as mulheres*, ao elevar essa análise ao nível temporal e cultural. Assim, segundo a pesquisadora:

(...) Não é preciso ser psicanalista para observar, hoje, o quanto essa constatação de Freud (à diferença de incontáveis outras) era exata – mas datada. Parece-me que, na primeira metade do século XX (antes da segunda onda feminista e muito antes dos movimentos de liberação sexual, racial e de gênero dos anos 1960), o que se esgotava nas mulheres de 30 anos não eram as forças nem a libido. Esgotavam-se as *perspectivas de construção de novos destinos para a libido*, que até então, havia se concentrado – na melhor das hipóteses - no amor conjugal e na maternidade. (...) O que Freud percebeu (mas não pôde compreender) a respeito da libido feminina, ainda viva e pulsante no primeiro terço da vida, foi a completa ausência de novos destinos depois da (muito provável) decepção do casamento, do enclausuramento domésticos e dos prazeres do aleitamento de incontáveis filhos (KEHL, 2018, p. 365).

A personagem Penélope, desse modo, é representante da sua época, mas, ao mesmo tempo, mantém-se sempre atual. Não obstante, o seu sofrimento é relatado nas linhas homéricas enquanto avassalador: “O coração e os joelhos da rainha baqueiam./ Sílabas, uma só, não fala, as lágrimas/ Decaem do olhar, e, quase à tona, a voz aborta” (HOMERO, 750-650 a.C./2014, p. 135). A rainha se vê irrompida pela ausência fálica. Dos pontos de amarração que havia tomado para si, saía de cena a mãe e a esposa, restava-lhe o desarranjo. Um desamparo que, segundo os cânticos, não lhe permitia encontrar “uma cadeira/ Que fosse, das inúmeras que havia ali” (HOMERO, 750-650 a.C./2014, p. 135).

Reconhece-se a atualidade em Penélope, ao subverter as noções nas quais estão envoltas a maternidade e o matrimônio. Indo além, e não se submetendo a outras amarrações fálicas convencionais, como um novo casamento. Assim, apesar da sua grande angústia, há algo nela que insiste em novos caminhos além desses impostos socialmente. Da mesma forma, é conferido pela personagem um novo sentido do ato de tecer, usualmente designado às mulheres, pontos esses que serão abordados adiante.

Penélope promove um (des)encontro com Freud, uma vez que, em conjunto com o psicanalista, ela perpassa os caminhos que a elegem como esposa e mãe. Mas, ao mesmo tempo, escancara o que não é dito pelo escritor: o que resta quando não se tem nem o casamento e nem a maternidade? A rainha então demonstra a possibilidade de operar no resto e nos pontos de amarração onde a lei fálica não reina totalmente. E com isso, dá espaço para o aparecimento de algo que é inominável, que irrompe e promove sofrimento, mas que insiste em não cessar de se inscrever.

No resto que se tece: a possibilidade de se fazer Outra coisa

*E consegui dobrar os corações altivos.
Mas o que entretecia na jornada, eu mesma
Durante a noite, à luz archote, destecia.
HOMERO, 750-650 a. C./2014, p. 575*

A epígrafe citada traz o relato de Penélope acerca do seu plano de evitar um novo casamento com os pretendentes. A personagem recorreu à tessitura a fim de se desviar das imposições sociais que a levavam a outro contrato matrimonial. A trama da rainha revela não somente um caminho astucioso para vivenciar o seu luto, mas também, confere a possibilidade de tecer a si e ao seu próprio desejo.

Apontamos que, a rainha ateniense atesta o dizer lacaniano do amor enquanto impotente, ainda que recíproco. Nesse sentido, ao se ver sem Odisseu, é perceptível que o desejo amoroso de ser “Um” escancara o que na verdade seria o impossível de estabelecer a relação dos dois sexos (LACAN, 1972-73/1985). Ainda nesse percurso, o psicanalista diz que, “a única verdade incontestável é a de que não há relação sexual” (p. 19). Assim, essa inexistência demonstra a não complementaridade dos pares, de modo que, no encontro amoroso com o Outro, há um ponto de desarranjo.

Ademais, o Outro apresenta importância substancial nesse ensino de Lacan (1972-73/1985), uma vez que ele demarca, entre outras coisas, a busca do sujeito em ser desejado. O lugar do Outro é representado pela letra “A”⁴, mas ao ser conjugado junto à letra S (significante), o autor vê o “A” enquanto barrado, formando assim, o S(A), ou seja, demonstrando a falha que se faz presente no campo do Outro. O significante de uma falta no Outro representa o limite da significância. Dessa forma, como diz o aforismo lacaniano, “A mulher não existe”, indicando um gozo Outro. Como afirmou Lacan (1972-73/1985), o amor busca fazer suplência à não relação sexual, mas como já mencionado, há algo que rateia e fica de fora. Tem-se uma falta no lugar do Outro. Há sempre um *amuro*⁵.

Nesse cenário, a posição feminina da personagem ainda se torna mais evidente. Ao ser destituída dos seus aparatos fálcos, Penélope encontra como acompanhante a solidão do seu vazio. Dessa forma, ao se representar pelo gozo Outro, que não seja todo fálco, A mulher (posição feminina da Penélope) é tomada por Lacan (1972-73/1985) enquanto não-toda. Tem-se aí, a cifra de um impossível, a qual a demanda fálca não pode eliminar. Assim, não há um significante que faça d’A mulher, toda, uma vez que a posição feminina é afetada no corpo por um gozo Outro que não se reduz ao modo de gozar masculino e que mantém nesse campo, uma ausência que não se escreve na linguagem, mas que insiste no real (FUENTES, 2009).

Penélope apresenta esse algo “a” mais pelo uso de artifícios que buscam encobrir a sua não existência: sua tecelagem, o recobrimento do seu rosto pelo véu e uma postura majoritária de reclusão e silêncio em seus aposentos. Dito isso, o espaço do feminino é produzido entre centro e ausência, isto é, entre o centro que se simboliza pelo falo e a ausência mais radical produzida na solidão do gozo feminino. Um momento abrupto em que o sujeito se confronta com sua própria ausência (BASSOLS, 2017).

É desse ponto de furo que se tem a inserção do objeto *a* no circuito pulsional do sujeito. Aqui também, se estabelece a dinâmica de impossibilidade de fazer de dois uma unicidade. Lacan (1972-73/1985) demonstrou a tentativa do sujeito em fazer Um, representando uma busca em produzir a totalidade dos pares. Contudo, como apontado pelo psicanalista, isso demarca o universal que é falho. Uma vez que, a relação sexual inexistente, justamente por ter algo nela que escapa. Dessa maneira, não há Um, mas sim o Um mais *a*, ou seja, tem-se uma aposta imaginária e fálca totalizante no âmago da questão amorosa que movimenta o sujeito em direção à espera de que o enlace amoroso apresente uma resposta frente à falta na sua dimensão real (LANDI, 2017). O que há desse indizível revela que o Um está para si mesmo e que não há como fazer de dois, Um.

Retomando as proposições lacanianas (1972-73/1985), é dito que se o amor apresenta uma relação com o Um, no que tange ao real, ele não faz ninguém sair de si mesmo. O que já aponta o caráter de solidão entre os pares e seus modos de gozo, mais precisamente, com aquilo que se intitula de objeto *a*, que vem operar em relação a essa perda e que cai do campo simbólico enquanto irrepresentável. Nessa perspectiva, Landi (2017) discorreu que a solidão estrutural é algo que insiste e não se recobre pelo enlaçamento simbólico e imaginário presente no amor. Visto que, o amor contingência deixa um resto de solidão e um resto de real.

De tal forma, se é sobre a solidão presente na irrupção do real que aponta para os aforismos lacanianos acerca da inexistência d’A mulher e da relação sexual. É ainda, pelo enodamento dos registros que se busca significar o não significado que sempre carregará o vácuo do objeto *a*.

4 Autre no idioma francês. Termo designado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico que determina o sujeito (ROUDINESCO; PLON, 1998).

5 Amuro: neologismo lacaniano retirado do poema de Antoine Tudal para designar a existência de algo, uma barra entre o homem e a mulher na relação amorosa. Retomado no Seminário, livro 20: mais, ainda (1972/1973) e em demais obras do autor.

Mesmo assim, opera-se com o que vem do *a*, uma vez que, o vazio possibilita a criação do mundo do ser na linguagem, proporcionando algo que vela esse buraco (CUNHA; LIMA, 2018).

Por conseguinte, dentro do discurso amoroso que é postulado por Lacan (1960/1998 p. 741), temos: “O homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma”. Com base nessa afirmativa, demonstra-se que os desdobramentos de uma mulher apontam para caminhos dela com ela mesma e com os seus pontos não totalizantes que impedem a universalização e o fazer grupo.

Com isso, percebemos que Penélope demonstra uma íntima relação entre a destituição fálica, o objeto *a* e o resto. Retomamos um importante questionamento feito por Lacan (1960/1998) acerca da capacidade da mediação fálica em drenar tudo o que se manifesta de pulsional na mulher. Uma vez que, é sabido que as amarrações fálicas contêm o sentido de mascarada para A mulher. Isto é, defesas frente à ordem do real que se revela. Assim, cabe mencionar que, mais uma vez, o frequente véu utilizado pela personagem, busca em tentativas que não são em vão, fazer função de suporte e semblante frente ao que foge à simbolização.

Nas elaborações do *Seminário, livro 20* (1972-73/1985), Lacan articulou o objeto *a* com o pedaço de corpo que se esconde sob o véu da imagem. Tem-se, então, a aproximação do objeto *a* ao corpo e ao resto. Já que, a possibilidade de um gozo é sempre fraturada, impossibilitada pela lógica fálica.

Diante da afirmativa “O que faz aguentar-se a imagem, é um resto” (LACAN, 1972-73/1985, p. 13). Entende-se que, aquilo que cai do processo de alienação e separação, demarca a divisão constitutiva do sujeito. O que, ao mesmo tempo, é o que se insere na lógica de busca do desejo pelo objeto faltante e o que escancara o que resta do processo existente entre ser objeto de desejo, ser o falo e ser A mulher. Desse modo, cabe à psicanálise falar sobre os restos, do corpo e dos seus excessos, do amor e de suas perdas (VICTOR, 2021). Tanto quanto, bordejar o não-dito e aquilo que aparece enquanto resto para A mulher. Para além do falo, e que insiste em fazer marca.

Nesse sentido, ao abordar a inexistência da relação sexual, as elaborações lacanianas (1972-73/1985) apontam para as diferenciações entre o que se alinha ao lado masculino na tábua da sexuação e o que se alinha ao lado feminino na mesma tábua. Ao referir-se às questões de gozo, Lacan pontuou que haveria do lado todo-fálico, a busca pelo objeto *a*, uma vez que, esse ocupa o lugar do parceiro que falta. O que possibilita a instauração da fantasia no lugar do real. Contudo, do lado d’A mulher encontra-se outra coisa que vem em suplência à relação que não há.

Desta forma, ao apontar A mulher pela busca em ser desejada, ela se aproxima em se fazer de objeto *a*, ou seja, a causa de desejo. Ademais, Lacan, ainda nas elaborações do *Seminário, livro 20* (1972-73/1985) esclareceu o “*a*” enquanto significante e o articulou quanto à inexistência da mulher:

[...] nesse *a* artigo, o significante, apesar de tudo, coerente e mesmo indispensável. A prova é que, ainda há pouco, falei de o homem e *a* mulher. É um significante, este *a*. É por este *a* que eu simbolizo o significante cujo lugar é indispensável marcar e que não pode ser deixado vazio. Esse *a* artigo, é um significante do qual é próprio ser o único que não pode significar nada, e somente, por fundar o estatuto d’*a* mulher no que ela não é toda. [...] Esse *a* mais. (LACAN, 1972-73/1985, p. 79-80).

Portanto, o “*a* artigo” se inclui no movimento do sujeito enquanto aquilo que nunca obterá uma significação. Ele está à mercê das buscas por objetos não complementares e demonstra um ponto de falta e também de não-todo, de inexistência d’A mulher. Dessa forma, se do lado masculino há uma determinada relação com o objeto *a*, do lado feminino, outra se demonstra. Apresenta-se, assim, diferentes formas de amar, desejar e de gozar que demarcam a não relação sexual (KUSS, 2015). Ao situar essas reflexões junto à investigação acerca da destituição fálica e dos restos d’A mulher, torna-se necessário fazer o retorno às elaborações sobre o falo, desenvolvidas no texto.

Para além do falo: dizer não e consentir com a falta

Até aqui, apontamos o percurso da primazia do falo desde Sigmund Freud até a elevação deste ao estatuto de significante no ensino lacaniano. Contudo, é fato que o significante fálico permeia também as propostas do *Seminário, livro 20* (1972-73/1985). Sobretudo, no que se relaciona às vias d'A mulher. Sabe-se ainda que, a mulher é não-toda na função fálica, ou seja, “ela não está lá de todo. Ela está lá a toda” (LACAN, 1972-73/1985, p. 80). E com isso, existe um gozo que está para além do falo que demarca a posição subjetiva na qual concerne ao feminino. Soler (2005, p. 41) trouxe a contribuição substancial a isso quando disse: “[...] dizer que ela não será nada de tudo que se possa dizer a seu respeito, que ela fica fora do simbólico, real no duplo sentido daquilo que não se pode dizer e daquilo que se goza de não-fálico, com o Outro absoluto”.

Quando voltamos às entrelinhas homéricas, vemos que elas apresentam essa dupla instância de Penélope. No sentido de estar inclusa no todo fálico ao mesmo tempo que não. Assim ela, sem o marido e sem o filho, produz outros caminhos em busca de fazer suporte ao seu desnudamento. O véu, não somente faz a função de encobrir seu rosto, mas também busca esconder o que está por trás. O silêncio não demarca somente sua tristeza, mas também a angústia frente à solidão e o não-dito. A sua tecelagem não demarca somente uma estratégia de fuga, mas uma nova construção, fio a fio, de si. Seu percurso demonstra a relação com o falo e a destituição dele. Frente a isso, essas tentativas de amarrações são evocadas.

O fato é que, essa trama demonstra a caída do todo fálico para o aparecimento do não-todo fálico. Esse processo, como evidenciado pela personagem, não se faz sem um trabalho de luto. Quando Landi (2017) abordou essa temática junto ao feminino, ela retomou tanto Freud quanto Lacan para fundamentar a presença importante do trabalho de luto na dimensão constitutiva do sujeito. O que possibilita compreender um atravessamento pela perda do objeto de amor, pela visão freudiana, e a elaboração da perda do falo, pela visão lacaniana.

Assim, há de se fazer o luto pela perda do falo. Uma vez que perdê-lo, como nos apontou Landi (2017, p. 142), é como cavar “um buraco no real, no qual se projeta o significante faltante”. Isso se dá de tal forma que, nos dizeres da autora, a partir da castração, o objeto *a* vem ocupar o lugar de causa de desejo. O que se encontra em Penélope é um longo trabalho de lutos: o luto pelo objeto de amor, o Outro e o falo.

Há, portanto, uma insuficiência fálica em responder tanto o que resta de gozo no desdobramento de uma análise como para dizer sobre a construção da feminilidade e sobre o gozo Outro - o que implica em uma limitação do semblante fálico. Algo do semblante fálico cai e se esvai convocando o trabalho de luto (LANDI, 2017). A autora ainda trouxe outra elaboração que concerne ao falo, ao luto e ao objeto *a*:

É um exercício de reinvestimento no objeto *a*, que não é outro, senão aquele que, por ser o resto irrepresentável da divisão do sujeito pelo Outro, funciona como causa do desejo. Nesse sentido, o luto desmascara o que oferecia alguma sustentação para o sujeito no campo fenomênico, e revela o objeto *a*, que também é o objeto da angústia. Para que o trabalho de luto aconteça, será necessário desnudar o objeto *a* de suas vestes imaginárias. Caso contrário, se o desejo prender-se à imagem do objeto, *i(a)*, que estrutura o amor narcisicamente, a perda resultará no triunfo do objeto (...). Da sustentação fálica, que pretende ilusoriamente fazer um muro frente ao real, à intimidade com a falta, esse é o trabalho da análise, que pode promover uma escrita com o objeto *a*, letra que condensa as inúmeras possibilidades de causa do desejo (LANDI, 2017, p. 143).

Assim como nos mostra Penélope em conjunção com o exposto por Landi (2017), o cair das articulações imaginárias e simbólicas fálicas atordoia e retira o chão do sujeito. Contudo, tem-se a possibilidade de fazer outra coisa com a falta. Se o feminino possui um gozo suplementar para além do falo, ele nos direciona para essa aposta: um trabalho de fiar para que ele (o impossível) possa

ser sustentado.

Sendo assim, o feminino, enquanto nome desse real que escapa à lógica fálica, se apresenta como Outro absoluto, ou seja, como uma alteridade que visa o infinito do gozo. Tudo pode ser imputado à mulher (LACAN, 1960/1998). Desta forma, na relação falocêntrica e na lógica de linguagem do inconsciente, apresenta-se uma articulação simbólica e imaginária de confecções de nomes para A mulher. Com isso, é no encontro com o que não se recobre pelo significante, com as fraturas e, com os restos que escancaram o real, que se revela o que está por detrás do véu e que torna possível articular um saber fazer com a dimensão Outra.

Nesse sentido, Penélope instaura a sua tecelagem através do que resta. Isto é, pela falha no simbólico que aponta para a inexistência d'A mulher e da relação sexual. A personagem põe em cena o ato. Em 2013, Caldas apresentou uma importante elaboração ao dizer que, após o ato, não se pode mais apagar o registro. Desse modo, frente ao não saber, a personagem ateniense tece o sudário ao mesmo tempo que tece a si mesma. Ela o faz na tentativa inventiva de escrever o que não pode ser lido, o seu ser feminino.

Com isso, ainda se pode aproximar a tecelagem de Penélope ao estatuto da letra pois, para Lacan (1972-73/1985), a letra é colocada como esse ajuntamento que constitui o inconsciente. O que seria, portanto, o que recai no campo do real. Desse modo, a escritura do real em cada sujeito determina sua gramática pulsional (CUNHA; LIMA, 2018). Pela primeira vez ao tecer, a personagem busca promover ajuntamentos frente ao que se revelou no real, a partir das linhas. Contudo, mesmo com o descobrimento do seu plano, Penélope continua a tecer outros sudários e fazer desse emaranhado uma nova possibilidade de escritura. Ela busca tramar, entrelinhar e costurar essa abertura do real. Dessa forma, o tecer de Penélope passa do estatuto de letra para o de significante. Assim, o que antes não era passível de ser simbolizado se desenvolve como a possibilidade de fazer com a falta, ou melhor, fazer com os restos dos retalhos e linhas.

Nesse ponto, percebe-se que Penélope diz não. Que ela não se assujeita à imposição social de novos casamentos, e de que, não elege ou busca um novo objeto amoroso para fazer par. Do mesmo modo, ela recusa a função de se incluir no desejo do Outro. Novos parceiros não são escolhidos pela rainha, bem como, em seus aposentos, não há o uso do véu. Ela busca somente tecer. É possível pontuar que, outra dimensão se revela nessa configuração, a de que, junto somente à sua solidão, novos emaranhados são constituídos.

Torna-se crucial demarcar que, pelo olhar de outros personagens que se referiam à Penélope na obra homérica, tem-se a repetição de dizê-la pela via da espera. A exemplo disso, tem-se a passagem do porcarício, Eumeu, que é: “Garanto que ela espera com inquebrantável/Têmpera no palácio. Os dias passam tristes,/Tão tristes quanto as noites, pois, só chora a cântaros” (HOMERO, 750-650 a.C./2014 d.C., p. 329).

Por outra via, se a mulher nada sabe dizer sobre si, como nos lembra Lacan (1972-73/1985, p. 95), o Outro também se apresenta como um lugar de não saber, vide a interrogação lacaniana: “Será que o Outro sabe?”. Tem-se assim, uma disjunção entre o que se dizia de Penélope e o que ela não dizia sobre si. A espera de Penélope se torna um trabalho a fio e se trata de uma espera de si. Afinal, algo ainda não fora desvendado entre a tessitura e o véu. O que Penélope deseja, permanece como enigma. A parte disso, o discurso e a posição que o semblante não esconde.

Castello Branco (1990, p. 349) discorreu que o destecer de Penélope constrói um novo texto gerado na ausência, na perda e na morte. Assim, essa nova escritura nasce como “resíduo, como excesso, como resto do primeiro: o texto da espera, o texto do adiamento”. A autora prosseguiu dizendo que assim consiste a escrita feminina, isto é, fazer do vazio e do gozo, uma borda de produção de sentido que os sustente.

A *Odisseia* (750-650 a.C./2014 d.C.) contém um interessante momento em que Penélope diz: “O gozo de eros cede ao gozo dos racontos” (HOMERO, 750-650 a.C./2014 d.C., p. 699). Nesse sentido, nos dizeres da rainha, não seria o amor, mas sim os racontos. Isto é, as palavras que possibilitariam gerar algum dizer sobre a sua vivência. Efraim em 2012 publicou sua pesquisa filosófica e política sobre a personagem. Ela apontou que “tecer” apresenta um vínculo etimológico com a palavra “texto”. Assim, tem-se na trama penelopeana a busca por uma escrita frente ao indizível, um ponto latejante do impossível, que “não pára de não se escrever” (LACAN, 1972-73/1985, p. 101).

A travessia de Penélope: tramar o Um sem o Outro

Penélope, a destituição fálica e a solidão. Pela invenção, tece para poder existir e tramar algo frente ao real. Azevedo (2010) aproximou a obra de Homero, *Odisseia*, ao percurso da análise, mais precisamente ao “vir a ser psicanalista”. Ela discorreu que tanto Odisseu quanto Penélope haviam mudado. Dessa forma, no decorrer dos 20 anos, ambos não eram mais os mesmos.

Freud (1933/2018, p. 338) apontou que o trançar e o tecer são invenções construídas pelas mulheres que se apresentam na história cultural. Ele ainda destacou que, nesse trabalho, a mulher “tecer-se-ia tentando adivinhar o motivo inconsciente dessa realização”. Enquanto que, Naves (2012), ao referenciar essa passagem freudiana, relembrou que a tessitura se dava em torno de um vazio impossível de ser preenchido. Assim, Penélope tece.

A tecelagem indica e pressupõe a irrupção de um gozo que está para além do falo. Em tom de novas amarrações é que a personagem se dedica ao ato do “não-todo-tecido”. O que relembra a duplicidade implicada na posição feminina. Com isso, Lacan (1967/2003, p.252) ao apresentar a distinção entre o outro imaginário, como pequeno outro, e o lugar de operação da linguagem, como o grande Outro, constatou que “nenhum sujeito é suponível por outro sujeito”. Assim, tem-se a divisão do sujeito e as suas próprias elaborações às voltas com o seu resto. Nesse percurso, o sujeito se depara com as decaídas de suas construções de fantasias que faziam frente ao real. O que implica em uma posição de des-ser (LACAN, 1967/2003).

O caráter de des-ser da personagem se atrela com o enfrentamento do real e da sua inexistência. Ainda assim, é por meio do resgate do tecer que se percebe a busca pela apreensão simbólica para construir e inventar seu próprio nome. Massara (2014) ao se desdobrar nos estudos sobre os extravios da mulher, pontuou que, ainda que extraviadas em relação ao campo simbólico, é possível bordejar e nomear algo do Outro gozo que a princípio era impossível de contornar.

Em primeira instância, o processo de destituição fálica de Penélope apresenta a produção de novas respostas diante do vazio. Porém, no decorrer de sua trama de 20 anos, adquire caráter de se abrir para uma ausência que não comporta o Outro para suplantá-la. Desse modo, em articulação com a letra tecida, escreve-se o Um, em solidão, sem extinguir a contingência do encontro com o Outro, que inclui algo para além das amarrações imaginárias e simbólicas, e traz o encontro com o real (LANDI, 2017, p.146). A autora ainda trouxe um importante questionamento: “E se uma mulher faz o luto do falo, renuncia essa busca fálica, o que restará a ela, reconciliada com a privação real, despojada do ter?”.

Dessa forma, Lacan (1972-73/1985) ao aproximar o Outro gozo do real, propôs a reflexão do que se faz a partir dessa privação real feminina. Ao passo que, Soler (2005) retomou as proposições lacanianas e reafirmou a aproximação da via do não-todo fálico à travessia da análise. O mesmo pode ser percebido em Penélope que, ao final de sua trama, revela-se Outra.

O final da análise demonstra a obtenção do sujeito determinado, com novas elaborações sobre o que quer e sobre o que é, mas não pela identificação com o Outro (SOLER, 2005). O que evidencia a condição de solidão. Assim como no fiar analítico, Penélope é convocada a responder pela sua própria marca e se apropriar dela. Nesse sentido, junto às contribuições de Landi (2017), pode-se afirmar que o percurso analítico traz o convite à fala. Ele permite que algo do fazer com a letra – que possui uma parceria singular –, possibilite a promoção do laço de tal modo, que a análise leva o sujeito ao encontro com a solidão presente no real.

Assim, a tecelagem de Penélope apresenta um consentimento com a emergência do real, uma vez que há o reconhecimento dos buracos (entre)linhas. Em paralelo à frase de Clarice Lispector (1943/2019, p. 36) que diz: “O que eu desejo ainda não tem nome”, o desejo de Penélope se encontra nas articulações de seus tecidos. Tem-se um não saber, ao mesmo tempo que se tem o movimento de busca pelo não significado. Sabe-se, portanto, que a trama da personagem se refere ao Um. A ela mesma. Isso acontece de tal forma que, para enfrentar o resto irrepresentável no processo de se tecer, sempre será necessária a solidão da noite que traz o destecer(se). Frente à destituição fálica, resta A mulher.

Conclusões não-todas

Você deságua em mim, e eu

Oceano

Música "Oceano" - DJAVAN (1989)

Tanto Sigmund Freud quanto Jacques Lacan apresentaram dentre os seus ensinamentos, impasses para com a figura da mulher. Nesse sentido, ambos possuem anos de elaborações que se apresentam pouco a pouco em diversas produções. Assim, Freud (1933/2018, p.314) discorreu: "Sobre o enigma da feminilidade, ruminaram os seres humanos de todos os tempos". Esse ato de ruminar também se apresentou nos dizeres lacanianos quando ele traz nomes de figuras femininas como Ysé, Medéia, Antígona, Santa Teresa D'Ávila, entre outras que comportam um longo percurso de estudos e, sobretudo, interrogações.

O percurso freudiano vai desde o período pré-edípico à maturação do desenvolvimento que permite ao sujeito se intitular homem ou mulher. Já nos avanços lacanianos, com o suporte da linguagem e da matemática, o feminino e o masculino se relacionam ao falo e às posições de gozo, explicitando a diferença entre eles. Mesmo com articulações diversas, ambos convergem em um ponto comum acerca da obscuridade e da não totalidade, sobre o que é e o que deseja uma mulher.

O *Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73/1985) apresenta importante contribuição teórica a essa temática, incluindo a dimensão do real e da não significação para tentar capturar algo do enigma presente na figura feminina. Conclui-se a não universalização d'A mulher e, assim, uma única resposta sempre estará à deriva dessas questões.

Sobretudo, a construção do presente texto foi regida por Penélope. Desse modo, o nome d'A mulher se fez presente, e além disso, suas invenções construíram sua nomeação. Freud, Lacan e os demais comentadores foram tomados como fundamentais aos pontos discorridos neste trabalho. No entanto, a tecelã foi quem nos permitiu evocar a ordem do que não se diz, mas se bordeja.

Assim como na música *Oceano*, do cantor brasileiro, Djavan, A mulher também possui uma dimensão oceânica. Uma vez que, ela sempre possuirá esse *a* mais. Esse que se incluirá no seu desejo, no seu laço com o Outro e na dimensão borromeana presentificando o real. A referida composição, assim como Penélope, denuncia a falta do parceiro amoroso e põe em cena a solidão do sujeito. Dessa forma, para além do falo, para além do Outro, para além do amor... algo se localiza. No caso da personagem, localiza-se a si mesma e sua dimensão não-toda.

Elaborar uma análise totalizante da personagem Penélope e sua dimensão do feminino é uma tarefa a revelar o impossível, como lembrado por Lacan (1972-73/1985). Contudo, é possível abordar o que essa jornada de ser mulher apresenta. A literatura homérica constrói uma personagem feminina para além do falo, e *mais, ainda*, que permite uma decaída de suas amarrações simbólicas para a criação de novas.

Assim, a indagação do trabalho "o que resta (*h*) à mulher quando destituída dos seus aparatos fálicos?" nos leva a diversas respostas, sobretudo, a partir da conceituação acerca da não universalização do sujeito, tão cara ao cenário psicanalítico. Por conseguinte, ao partir dessa premissa em Penélope, é possível perceber um trabalho de poesia com seus restos e sua solidão. O que torna possível a tessitura de Outra coisa.

Nesse sentido, Penélope consente com a dimensão real ao (des)tecer seus sudários. Percebe-se amarrações que sempre apresentarão buracos. E é assim, frente ao inenarrável, que se concebe o ato de tecer visando ao infinito, sem temporalidade de fim. Entre o oceano de linhas, produz-se uma escrita feminina que não busca tomar o todo, nem mesmo apresenta uma resposta definitiva para *A mulher*. Mas que consiste numa dimensão, produzida em restos, que contorna e dá acesso ao que foge à simbolização.

Guimarães Rosa (1985, p. 88) disse: "viver é um rasgar-se e remendar-se". Essa é a aposta de Penélope, essa é a aposta deste texto.

Referências

AZEVEDO, Ana Maria Andrade de. Trajetória do "vir a ser" psicanalista: um paralelo. **Jornal**

de **Psicanálise**, São Paulo, v. 43. n. 79, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000200012. Acesso em: 5 dez. 2022.

BASSOLS, Miquel. O feminino, entre centro e ausência. **Opção Lacaniana**: online, [s. l.], ano 8, n. 23, jul. 2017. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/O_feminino_entre_centro_e_ausencia.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

CALDAS, Heloisa. A fala e a escrita da mulher que não existe. **Opção Lacaniana**: online, [s. l.], ano 4, n. 10, mar. 2013. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_10/A_fala_escrita_mulher_que_nao_existe.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

CASTELLO BRANCO, Lucia. **A traição de Penélope**: uma leitura da escrita feminina da memória. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9D9GBU>. Acesso em: 5 dez. 2022.

CUNHA, Cristiane de Freitas; LIMA, Vinícius Moreira. A “nomenclatura daquilo que é” no Seminário Encore. In: GUERRA, Andréa Máris Campos; VORCARO, Ângela Maria Resende (diretoras). **A teoria da nomenclatura da obra de Jacques Lacan**. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 205-218.

DUBA, Cristina. Feminino e o feminismo – Notas sobre Simone de Beauvoir e J. Lacan. In: ANTELO, Marcela (org.). **Mulheres de hoje**: figuras do feminino no discurso analítico. 1. ed. Petrópolis: KBR Editora Digital, 2012.

EFRAIM, Raquel. Penélope, tecelã de enganos. **Kínesis**, [s. l.], v. IV, n. 8, p. 135-146, 2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/raquelefraim.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2022.

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 95-116.

FREUD, Organização genital infantil (1923). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 237-246.

FREUD, O declínio do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 247-258.

FREUD, Sobre a sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 285-312.

FREUD, A feminilidade (1933). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 313-348.

FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes**: Lacan e o feminino. 2009. 273 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GONÇALVES, Gesianni Amaral. A mascarada como significante do feminino. In: XXXIV JORNADA DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS. **Laços familiares**: um enigma. Belo Horizonte: CPMG, 2016.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução: Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2014. 813 p.

KELH, Maria Rita. Freud e as mulheres. In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade e feminilidade**. 1.

ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 353-368.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, desejo e psicanálise**. 3. ed. Curitiba: Juruá, 2015.

LACAN, Jacques. A metáfora paterna (1957/1958). *In*: LACAN, Jacques. **Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 166-184.

LACAN, Jacques. A significação do falo (1958). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 692-703.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (1960). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 734-745.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20**: mais, ainda (1972/1973). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LANDI, Elizabeth Cristina. **O feminino e a solidão**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31020/1/2017_ElizabethCristinaLandi.pdf. Acesso em: 4 dez. 2022.

LISPECTOR, Clarice. O banho (1943). *In*: LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

MASSARA, Izabel Haddad Marques. **Uma verdadeira mulher e seu extravio**: figuras da feminilidade em Lacan. 2014. 269 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

NAVES, Emilse Terezinha. A feminilidade. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 44, p. 389-443, 2012.

OCEANO. [Intérprete]: Djavan. Rio de Janeiro: Sony Music, 1989. (36h56min).

ROSA, João Guimarães. João Porém, o criador de perus. *In*: ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**, terceiras estórias. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. V-VI, jun. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3070/307026613004.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres** (1937). Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. **Psicologia, Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 20-27, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/X6bTF9RCnSzQhhDbDFLHsyz/?lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2022.

VICTOR, Eugênia Assis. **Corpos à margem**: a função do resto na psicanálise. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás,

Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11215/3/Disserta%3%a7%c3%a3o%20-%20Eug%c3%aaania%20Assis%20Victor%20-%202021.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.
Aceito em 08 de fevereiro de 2023.